

Brasil precisa de uma estratégia política nos EUA

Em setembro do ano passado o presidente José Sarney veio aos Estados Unidos onde falou perante um Congresso praticamente vazio. Sua presença aqui, assim como seu discurso, teve uma repercussão mínima. Num espaço de apenas três semanas, a presidenta das Filipinas, Corazón Aquino, falou a esse mesmo Congresso, que, lotado, interrompeu diversas vezes seu discurso para poder aplaudi-la. A imprensa norte-americana deu todo o destaque à visita da líder filipina e as três principais redes de televisão — ABC, CBS e NBC — transmitiram ao vivo a passagem de Cory Aquino pelo Congresso e sua mensagem aos políticos americanos.

Ou seja, enquanto a vinda de Sarney foi um fracasso político — o presidente brasileiro não conseguiu chamar a atenção dos congressistas para os problemas brasileiros —, Cory deixou os Estados Unidos coberta de glória e certa de que teria o apoio dos políticos norte-americanos para enfrentar delicadas questões domésticas e também externas, como o problema da dívida externa. Este acontecimento — embora um pouco distante — ilustra bem a falta de uma estratégia política do governo brasileiro em lidar tanto com suas dificuldades internas como as externas.

Hoje em dia, quando se fala em estratégia política, automaticamente entram em cena os consultores políticos, profissionais especializados. O sucesso da viagem de Corazón Aquino aos Estados Unidos, por exemplo, entre outros fatores, foi fruto de toda uma bem articulada campanha política desenhada por uma firma de Nova York. A **Sawyer Miller Group**, que se define como uma companhia de estratégias de comunicação internacional capaz de desenvolver campanhas para corporações, governos e candidatos políticos, principalmente em momentos de crise.

Esta firma, mais especificamente o inglês Mark Nalloch Brown — chefe do departamento internacional, ex-editor da **Economist Development Report**, uma publicação do **Economist** — vem trabalhando ao lado de Cory Aquino desde sua candidatura. E foi em parte por causa das semelhanças dos problemas entre Brasil e Filipinas, que Mark Brown começou a prestar mais atenção às questões brasileiras e detectar que um país, de uma certa forma bastante sofisticado, com um grande senso de independência, não possui nenhuma tática para resolver seus problemas externos.

Para Mark Brown, é praticamente inaceitável que o Brasil — um dos maiores países em desenvolvimento — seja pressionado por banqueiros internacionais e que uma visita do presidente Sarney tenha passado praticamente despercebida pelos meios políticos de Washington.

Na minha opinião, um país como o Brasil, que se vê envolvido numa dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares, deveria usar isto como um recurso de força e não como ponto fraco, que permite aos bancos privados exercerem uma pressão sobre o País. Se o Brasil fosse as Filipinas, e tivesse uma dívida de 26 bilhões de dólares, aí sim daria para entender um maior controle dos bancos", afirmou Marc Brown.

Aliás, Marc Brown, 34 anos, assim como Peter Schechter — outro consultor político da Sawyer Miller e atualmente assessor de países do terceiro mundo em crise econômica —, poderia até escrever uma tese sobre a falta de habilidade do governo brasileiro em se comunicar internacionalmente, embora eles mal conheçam o Brasil.

Para exemplificar, os dois consultores relembram a viagem do ex-ministro Dílson Funaro, depois de o Brasil ter declarado a moratória. "Quando Funaro foi à Europa, Japão e veio aos Estados Unidos defender a moratória, ele parecia um homem muito solitário. Neste momento ele estava sozinho no Exterior e também em casa, porque ele já tinha perdido o controle dos principais grupos no Brasil", disse Brown.

Aliás, para Peter Schechter, a política da moratória não funcionou porque Funaro não tinha uma estratégia de implementação. "A impressão é que o ministro Funaro acordou um dia e disse: 'Moratória' e imediatamente pegou um voo para Paris, sem antes desenhar uma tática de como colocar a nova medida para os banqueiros e políticos."

Exemplo da Argentina

Para reforçar a tese da necessidade de estratégias políticas, Peter Schechter cita o exemplo da Argentina e do seu ministro da Fazenda Mário Broderson, que de uma certa forma usou o estado de moratória do Brasil, para conseguir vantagens para seu próprio país. Segundo conta Peter, antes de vir aos Estados Unidos negociar com os banqueiros, Broderson encontrou-se umas três vezes com Funaro. Na sua viagem a Nova York, fez uma escala em Brasília, para mais uma visita ao ex-ministro brasileiro. No momento em que Broderson sentou na mesa de negociações, os banqueiros estavam apavorados e a primeira pergunta foi se a Argentina também declararia a moratória. Sem entrar em detalhes sobre o encontro com Funaro, o ministro argentino apenas disse que seu país continuaria com os pagamentos. Mas através disso conseguiu obter acordos favoráveis.

Na situação atual, tanto Peter como Marc Brown acham que o Brasil precisa primeiro acabar com a confusão interna, para depois trabalhar no sentido de criar uma imagem positiva no Exterior. Segundo Peter, neste momento a opinião dos políticos norte-americanos sobre o Brasil é negativa. Ninguém mais fala no "gigante adormecido", ou na "potência do futuro". A idéia generalizada é de que o Brasil "está recebendo aquilo que merece". Por isso, antes de mais nada, os dois articulistas consideram necessário o governo brasileiro tomar decisões, mas que sejam a longo prazo. "Um dia parece que o Brasil quer ir ao FMI, no outro a impressão é diferente. Às vezes o governo brasileiro demonstra que vai fazer concessões. Na semana seguinte a situação é totalmente oposta", disse Peter. Além disso, os dois consideram importante acabar com a falta de definição, pois acham totalmente absurdo um país, que deve 100 bilhões de dólares, mudar seu ministro da fazenda e o substituto passar praticamente um mês sem anunciar um plano econômico.

Aliás, Bresser deverá vir aos Estados Unidos nos próximos 10 dias para reiniciar as negociações. Na opinião de Marc Brown, não seria interessante o Brasil mostrar que sem Funaro tudo será completamente diferente. "Bresser precisa primeiro mostrar que está a vontade como ministro da Fazenda para sentar na mesa de negociações. É necessário também que ele demonstre ser um homem sensato, mas determinado a arrumar a economia brasileira."

Eliane Gamal, de Nova York